

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

186

INSCRIÇÕES 690-695



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projeto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respetivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnaçāo

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas

Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UNIVERSIDADE
DE
COIMBRA

FACULDADE
DE
LETRAS

690-693

NOVAS INSCRIÇÕES SOBRE *INSTRVMENTVM DE CONIMBRIGA* (*Conventus Scallabitanus*)

690 – Grafito de *Felicio*

Localizou-se recentemente, na reserva do Museu Monográfico de Conimbriga, o fragmento cerâmico proveniente das Escavações Antigas de Conimbriga (DGEMN, 1930-1944), sem mais precisão ou indicação estratigráfica.

Trata-se do fundo de um vaso produzido em cerâmica cincinata, com cerca de 5,2 cm de diâmetro. Seria, certamente, um vaso de boca fechada, pois a atmosfera fortemente redutora que conferiu à superfície externa um tom cinzento muito escuro não atingiu o interior, que se manteve cinzento claro. É também visível que as paredes exteriores do vaso foram intensamente polidas, o que não aconteceu com o interior. Qualquer tipologia próxima de *Fouilles V* 455, 460 ou 469 é possível, sendo de admitir qualquer cronologia entre os meados do séc. I e os meados do séc. II¹.

No fundo externo do vaso gravou-se, depois da cozedura, com pequenas letras, bem desenhadas, com 7 mm de altura, e seguindo uma tendência circular que acompanha as marcas de torneamento, o nome do seu presumível proprietário:

FELICIO

¹ ALARCÃO, Jorge de (1975) – *Fouilles de Conimbriga V. La céramique commune locale et régionale*. Paris: De Boccard, p. 80-83.

A gravação em círculo levou à união da base de L e I e de C e I, mas não parece tratar-se de nexo intencional. Um pequeno traço na base do F deve ter sido acidente na gravação.

Felicio é nome comum, designadamente na Lusitânia², mas não estava ainda documentado em *Conimbriga*.



690

691 – Grafito sobre talha

Outro fragmento foi localizado entre a cerâmica das Escavações Antigas, com a única referência “Zona H” (Escavações da DGEMN, 1950-1960, Termas do Sul).

Trata-se do bordo e ombro de uma talha cerâmica alaranjada grosseira de forma próxima a *Fouilles V 326/327*³, mas com o bordo mais pequeno e decorada no ombro com dois meandros separados por um sulco; a datação é imprecisa (de Cláudio ao séc. V).

Entre o bordo e o primeiro meandro foi gravada, sobre a pasta fresca, em caracteres cursivos de mau desenho, uma

² NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luís (coords.) (2003) – *Atlas Antropónímico de la Lusitania Romana*. Bordéus/Mérida: Ausonius / Fundación Estudios Romanos, p. 178-179.

³ ALARCÃO, Jorge de (1975), p. 71.

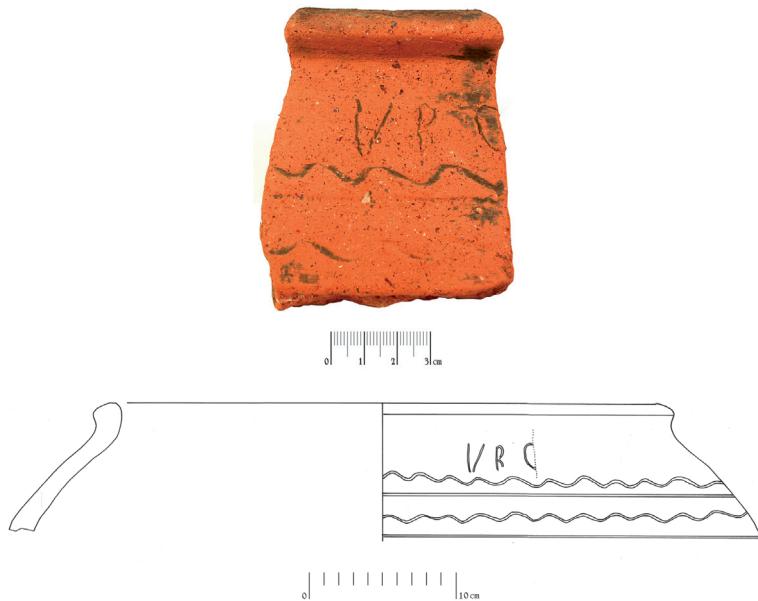
palavra de que sobrevivem as três primeiras letras (altura: 1,5 a 2 cm; espaços interliterais: 1 a 1,5 cm).

VRC... *vel* VRO... *vel* ERO...

Na primeira das hipóteses, a inscrição pode interpretar-se como *urcei...*, talvez seguido de um numeral indicando a capacidade da talha. Isto seria algo ainda não documentado na epigrafia sobre *instrumentum* de *Conimbriga*, mas consistente com a semi-industrialização de algumas produções locais⁴.

A tratar-se de um nome, de oleiro ou de proprietário, a restituição da primeira letra como II *pro* E é, talvez, um esforço paleográfico maior do que o grafito consente, mas oferece a restituição mais pacífica na epigrafia peninsular.

A solução prudente será deixar as várias hipóteses em aberto.



691

⁴ CORREIA, Virgílio Hipólito (2004) – Os oleiros de Conimbriga. *Conimbriga* 43, 215-226.

692 – Um objecto epigrafado de uso desconhecido

O objecto epigrafado que ora se publica foi encontrado nas escavações arqueológicas levadas a cabo em 2004, no âmbito do projecto VALMON (Valorização dos Monumentos de Conimbriga), que se realizaram na *Insula* a oeste das Termas do Sul⁵. O seu contexto de recolha (2004.IWT(7)) corresponde ao alargamento de uma área das escavações luso-francesas (69.TH IV.1), não havendo fortes indicações cronológicas, mas tratando-se, muito provavelmente, de ocupações posteriores à construção trajântica das termas.

Tem como base uma pedra de calcário com 4 x 3 x 3 cm, que mostra nas suas faces trabalhos diferentes, desde a superfície deixada irregular ao desbaste com cinzel denticulado, e outras zonas polidas. Entre estas, está a criação de uma face bem trabalhada e lisa, com 3,5 x 1,7 cm, saliente 7 mm relativamente à restante pedra, que forma o campo epigráfico.

Neste campo gravou-se a buril, com letras regulares mas não muito perfeitas, um provável antropônimo em dativo

MARAE

Mara é antropônimo desconhecido, podendo constituir um *hapax* por *Mariae*, mas *Marus* é gentilício conhecido em Tarragona⁶ e em Mérida⁷; por outro lado, a onomástica indígena de *Conimbriga* é uma permanente fonte de surpresas.

Não podendo interpretar-se a peça como estampilha para marcar cerâmica, estar-se-á perante um exercício de escrita (ou de cantaria em miniatura), meramente lúdico?

⁵ CORREIA, Virgílio Hipólito (2013) – *A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*. Coimbra: Inst. Arqueologia (Conimbriga Anexos 6). p. 59-62.

⁶ VIVES, José (1971) – *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona: Universidad/CSIC, nº 4394.

⁷ NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luís (coords.) (2003), p. 231.



692

693 – Marca grafitada de *Manaca*, sobre peso de tear

Em 2018, nas escavações levadas a cabo no sector G XVII de Conimbriga (zona sul do anfiteatro), recolheu-se um fragmento de peso de tear epigrafado, que foi identificado no contexto (2018.G XVII.29/34(8)) que corresponde à ocupação exterior a um edifício contemporâneo do anfiteatro (a partir de finais do séc. I d. C.) e que é alvo de uma remodelação em finais do séc. III/inícios do IV, que o sela.

Conservou-se a parte superior do peso de tear, que pôde verificar-se que pertence tipologicamente ao Grupo B (pesos de média dimensão), Forma I (paralelepípedico de secção rectangular), com dois orifícios afastados 3,5 cm⁸. As dimensões da secção, correspondente ao campo epigráfico, são 6,8 x 3,7 cm; a sua altura original deveria ser próxima dos 12 cm (conservaram-se 7,5 cm).

⁸ ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; ALARCÃO, Adília M. e PONTE, Salete da (1979) – *Fouilles de Conimbriga VII. Trouvailles diverses, conclusions générales*. Paris: De Boccard, p. 62-64.

No topo do peso (infelizmente danificado no processo da escavação, mas completamente reconstituível), gravou-se, em letras bem desenhadas, com 7 mm de altura,

MANACAI[I]

De notar a grafia (comum) de II *pro* E e a paleografia de A, com a haste transversal oblíqua, pendente da haste direita da letra⁹.

Cremos ser a primeira vez que se documenta o nome (lusitano ?) *Manaca*.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA¹⁰



693

⁹ Cf. ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges e LÉVÈQUE, Pierre et Monique (1976), p. 194 (nº 423-424).

¹⁰ Museu Monográfico de Conimbriga; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos UC. Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2019, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Research Developed under the Project UID/ELT/00196/2019, funded by the Portuguese FCT – Foundation for Science and Technology.

NOVO FRAGMENTO DE CUPA NA MURALHA DE BEJA (*Conventus Pacensis*)

O troço da muralha de Beja localizado no Logradouro do Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial – Ex-Clube Bejense (Rua do Sembrano n.º 74) e no Parque Vista Alegre, foi alvo de processo de reabilitação, da responsabilidade da Câmara Municipal de Beja, tendo os trabalhos decorrido entre Julho e Setembro de 2018, sendo sujeitos a acompanhamento arqueológico sob a direcção científica de Eunice Pimpão, da empresa Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

No dia 5 de Setembro, em visita do signatário ao local, foi detectado um fragmento de *cupa* embutido no paramento interior, numa pequena área onde o aparelho construtivo da muralha não havia sido integralmente rebocado no decurso dos trabalhos de conservação, ao contrário do sucedido com o restante troço (FIG. 1).

Na face exterior deste mesmo troço de muralha já haviam sido detectados outros fragmentos de *cupae* (FE 594), para além de diversos materiais de época romana reutilizados na sua construção¹.

O fragmento observado (FIG. 2) foi executado sobre um

¹ ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal – Distrito de Beja*, XII, vol. 1, Lisboa, 1992, p. 84.

bloco de mármore de Trigaches – São Brissos, de grão grosseiro e com tom cinzento. Encontra-se parcialmente coberto por reboco de cal e salpicado por argamassas recentes, resultantes da intervenção de reabilitação da muralha aí ocorrida, para além de rebocos de cal que anteriormente o cobriram. Corresponde a um fragmento da extremidade de uma *cupa*, encontrando-se fraturado no dorso, onde se deveria inserir o campo epigráfico, e na área oposta junto a um aro de aduela. Conserva duplo aro de aduela em alto-relevo (cada aro com 3,5 cm de largura) e parte de mais um (também com largura de 3,5 cm). As duas áreas com aros de aduelas encontram-se separadas por espaço liso, com curvatura, de 13 cm de comprimento. Não conserva o campo epigráfico e também não é possível observar a existência de soco. O facto de as juntas entre os blocos pétreos da muralha terem sido preenchidos com argamassas durante a operação de reabilitação deste espaço impossibilita uma observação mais pormenorizada, tal como o reboco colocado sobre a face interior da quase totalidade deste troço de muralha (numa extensão de cerca de 70 metros) torna inviável a verificação da existência de outros fragmentos similares.

Dimensões: 32 cm x 28 cm.

Propõe-se uma datação do século II, eventualmente do século III, como é comum para este tipo de monumentos no território do *Conventus Pacensis*².

MIGUEL SERRA

² ENCARNACIÓN, José d', A propósito das *cupae* do *Conventus Pacensis*. In ANDREU PINTADO, J. (ed.), *Las Cupae Hispanas. Origen, difusión, uso, tipología*. Zaragoza: Fundación Uncastillo 2012, p. 450.



1



2

694

SOBRE UNA INSCRIPCIÓN DE CASAS DE BELVÍS
(BELVÍS DE MONROY – CÁCERES)
(*Conventus Emeritensis*)

Presentamos aquí la restitución de una inscripción que, debido a su avanzado estado de deterioro, ha pasado desapercibida durante bastante tiempo, a pesar de lo interesante de su contenido. El epígrafe fue publicado por Antonio González Cordero hace ya algunos años, pero en dicho trabajo no se ofrecía foto y el autor apenas pudo identificar unas pocas letras, sin atreverse a restituir el texto¹. Sin el correspondiente material gráfico, el catálogo de *Hispania Epigraphica* se limita a reproducir el texto de Cordero².

En reciente viaje a Navalmoral de la Mata tuvimos la oportunidad de visitar el Museo de la Fundación Antonio Concha, donde se expone un selecto material de diferentes épocas de la Historia de la localidad y su comarca. Entre estas piezas se encuentra el ara a la que aquí nos referimos.

¹ GONZÁLEZ CORDERO (Antonio), «Catálogo de inscripciones romanas del Campo Arañuelo, La Jara y Los Ibores», *VII Coloquios Histórico-Culturales del Campo Arañuelo*, Navalmoral de la Mata, 2001, 117-118, nº 1 (*HEp* 11, 2001, 97, *HEpOL*, 23373).

² El texto de Cordero reproducido en *Hispania Epigraphica* es el siguiente: *QV[---] FI/PCLIL/ABEO/F[---]E· TE/NINP.*

Casas de Belvís es una pedanía del municipio de Belvís de Monroy, que se encuentra al noroeste de la provincia de Cáceres, en la comarca del Campo Arañuelo. Emplazado en un otero situado a unos 4 km de la presa de Valdecañas y a 10 de Navalmoral de la Mata, Belvís de Monroy tiene sus orígenes en la Reconquista, pero por su posición en la vía de *Emerita a Caesaraugusta* cuenta con numerosos vestigios de su pasado romano. Entre estos restos destacan algunas inscripciones datadas de dicha época. La que nos ocupa se descubrió precisamente junto a un manantial, en las cercanías de la citada vía, desde donde se llevó al domicilio particular de Antonio Baena, en Navalmoral de la Mata. Actualmente se expone en la pared de una de las salas del museo de la Fundación Antonio Concha, nº de inventario D-6707.

Se trata de un ara de granito de pequeñas dimensiones en un muy deficiente estado de conservación. Presenta una rotura a bisel en la parte inferior que ha hecho desaparecer la base y parte del fuste y han saltado algunas lascas en el lateral derecho que afecta a los finales de línea. El coronamiento lleva *cornua* y un pequeño listel muy desgastados. El neto inscrito está muy erosionado y el texto es apenas reconocible.

Dimensiones: (60) x 29 x 31; letras: 1-2: 6; 3-4: 5; 5: 3.

C(aii) · VALER/I(i) · C(aii) FIL(ii) [L]/ABEO[N]/IS ET
E? [...] /⁵NIA+[?...]/I· [---]/[-----]?

El lapidario no debía de ser muy ducho en su oficio, pues realiza un pésimo trabajo. Los renglones no se han trazado horizontalmente, sino que están inclinados hacia arriba y a la derecha. Las letras, grabadas profundamente, han sido trazadas a buril o punzón de forma descuidada y sin ningún indicio de una preparación previa a la hora de ubicar el texto en la caja. El trazado es irregular y las diferencias de tamaño llegan a ser notables de unas líneas a otras. No es seguro que lleve interpunción, aunque parece más que probable su existencia en la primera y en la segunda líneas.

El avanzado estado de deterioro en que se encuentra el texto imposibilita asegurar la lectura, pero hemos creído conveniente arriesgar una interpretación de parte del texto

que nos parece factible.

La primera línea presenta serias dificultades. El primer grafo es una nítida C.; a partir de aquí interpretamos un enlace VA o VAL y a continuación un trazo vertical. La letra final es de muy difícil identificación a causa de una lasca que ha saltado en el lateral derecho.

La segunda línea empieza con un asta vertical seguida de un posible signo de interpunción. A continuación hay una C nítida y tres trazos verticales. A partir de aquí la fractura del final de línea que se extiende desde la anterior mutila la última letra.

El tercer grafo de la l. 3 está bastante erosionado y el final pudiera corresponder a una N.

La cuarta línea comienza con un trazo vertical de una más que probable I, seguida de unos trazos sinuosos que interpretamos como S. A continuación seguramente ET y una dudosa E. A partir de aquí el final de línea se complica a causa de la fractura del soporte.

En la l. 5 interpretamos NIA o NTA seguido de un asta inclinada que se pierde en la rotura inferior y lateral.

En la sexta y última línea solo se aprecia el trazo superior de una I o L.

La interpretación del texto no resulta fácil. Parece corresponder al voto realizado por dos individuos, aunque no se puede descartar un texto funerario realizado en un ara que muy bien pudo ser reaprovechada. La ausencia del teónimo puede justificarse si se entiende la dedicatoria como un exvoto depositado en un espacio de culto que hacía innecesario especificar la divinidad.

En la primera línea, aunque con muchas dudas, interpretamos C VALER, que se completaría con la I inicial de la línea siguiente. A continuación vendría la filiación, seguido del *cognomen* del individuo en la tercera y cuarta líneas, seguramente *Labeonis*. *Labeo* es un *cognomen* latino poco frecuente en la epigrafía peninsular del que solo conocemos un caso en la provincia de Cáceres, en una inscripción procedente de la capital³.

³ Boxoyo, S(imón) B(enito), *Noticias históricas de la muy noble y leal villa de*

Valerius es un *nomen gentile* muy frecuente en la epigrafía del Norte de la provincia de Cáceres y tanto en *Augustobriga* como en *Capera* suele estar asociado a las familias más elitistas de la sociedad local. De la primera de las ciudades procede una placa de mármol en la que *Valeria Tagana*, una indígena a juzgar por su *cognomen*, homenajea a su esposo *Lucius Vibius Reburrus*, en la que se especifica su adscripción a la *Quirina tribus*, como corresponde a los ciudadanos de los municipios promocionados en época flavia⁴. Y en esta misma ciudad, *Valeria Afra* también homenajea a su esposo *Marcus Palphurius Lamenus*, un individuo de procedencia griega, probablemente un liberto con una posición acomodada⁵. Más alta alcurnia alcanzó el caperense *Lucius Valerius Vegetinus*, el evérgeta que dedica el templo de *Iupiter Optimus Maximus Augustus* en el foro de la ciudad⁶.

El nombre del segundo de los devotos o dedicantes está muy destruido, por lo que no nos atrevemos a hacer ninguna propuesta.

Desconocemos el número de líneas que faltan, donde quizás podría especificarse la fórmula votiva e incluso la propia divinidad a la que estaba dedicada el ara si, como parece, tenía un carácter votivo.

JULIO ESTEBAN ORTEGA

Cáceres, Provincia de Extremadura. Monumentos de la antigüedad que conserva [1794]. (Cáceres, 1952), 148 = CILCC I, 158.

⁴ CIL II, 938 = CIL II, 5343.

⁵ CIL II, 934.

⁶ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres III. Capera*, Cáceres 2013, nº 1013.



695